



CONTOS DA FLORESTA E A EDUCAÇÃO DE MINORIAS:

O papel da literatura indígena no ensino

FOREST TALES AND THE EDUCATION OF MINORITIES:

The role of indigenous literature in teaching

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 27/06/2025

Aprovação do trabalho: 10/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Francisco Alves Gomes  
francisco.alves@ufrr.br
 Universidade Federal de Roraima

Cacio José Ferreira  
cacio.ferreira@unb.br
 Universidade de Brasília

Norival Bottos Júnior  
norivalbottos@ufam.edu.br
 Universidade Federal do Amazonas

COMO CITAR

ALVES GOMES, Francisco; JOSÉ FERREIRA, Cacio; BOTTOS JÚNIOR, Norival. CONTOS DA FLORESTA E A EDUCAÇÃO DE MINORIAS: O papel da literatura indígena no ensino. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 24–39, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/936>.

Resumo

Este artigo analisa a obra *Contos da Floresta*, de Yaguarê Yamã, sob a perspectiva do ensino de grupos historicamente marginalizados, especialmente no contexto da valorização das culturas indígenas na educação básica. A partir de uma abordagem interdisciplinar, investiga-se como os contos podem ser utilizados como ferramenta pedagógica para ampliar a compreensão sobre a diversidade cultural e a resistência dos povos indígenas. O estudo também discute a importância da representatividade na literatura infantojuvenil, destacando desafios e possibilidades para o ensino. O debate tem como aporte teórico Potiguara (2018), Graúna (2013), Eliade (2010) entre outros. Nesse sentido, a análise tem como foco pensar de que maneira a literatura indígena infantojuvenil irradia prática decolonial no ensino básico, sendo não apenas um conteúdo em tensão entre as disputas de narrativas na contemporaneidade, mas sim, ocupando um lugar de reconhecimento e construção da identidade, tendo como liame a ancestralidade como matriz estética das histórias, que embora pertençam ao esquema da oralidade, são dispostas em material literário que serve ao interesse pedagógico, literário e ideológico. Durante a mesa de debate intitulada “Ensino de literatura, desafios e perspectivas”, durante o III Seminário Africanidades e Minorias Sociais, nos perguntamos: Qual o lugar da literatura indígena na escola? Essa é a questão base que culminou no interesse pela escrita do presente artigo. Assim, concluímos que a obra de Yaguarê Yamã operacionaliza em termos da escritura literária, um conjunto de reflexões profundas sobre a cultura dos povos ancestrais indígenas e a suas contribuições na luta atual por um ensino que seja de fato decolonial ao passo que também aponte novas formas de introduzir a literatura indígena na escola.

Palavras-chave: *Contos da Floresta*; literatura indígena; ensino de minorias; diversidade cultural; Yaguarê Yamã.

Abstract:

This article analyzes the work *Contos da Floresta*, by Yaguarê Yamã, from the perspective of teaching historically marginalized groups, especially in the context of valuing indigenous cultures in basic education. From an interdisciplinary approach, the article investigates how tales can be used as a pedagogical tool to widen the understanding of cultural diversity and the resistance of indigenous peoples. The study also discusses the importance of representation in children and youth's literature, highlighting challenges and possibilities for teaching. The debate is based on theoretical contributions from Potiguara (2018), Graúna (2013), Eliade (2010), among others. In this sense, the analysis focuses on thinking about how indigenous children and youth's literature radiates decolonial practice in basic education, not only as content in tension between narrative disputes in contemporary times, but also as a place of recognition and construction of identity, having as a link ancestry as the aesthetic matrix of stories, which, although belonging to the scheme of orality, are arranged in literary material that serves pedagogical,

<https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/index>

literary and ideological interests. During the debate panel entitled “Teaching literature, challenges and perspectives”, during the III Seminar on Africanities and Social Minorities, we asked ourselves: What is the place of indigenous literature in schools? This is the basic question that culminated in the interest of writing this essay. Thus, we conclude that Yaguarê Yamã's work operationalizes, in terms of literary writing, a set of profound reflections on the culture of ancestral indigenous peoples and their contributions to the current struggle for an education that is truly decolonial while also pointing out new ways of introducing indigenous literature in schools.

Keywords: Tales of the Forest; indigenous literature; teaching of minorities; cultural diversity; Yaguarê Yamã.

Introdução

Contos da Floresta, de Yaguarê Yamã, obra de literatura infantojuvenil, publicada em 2012, é uma coletânea de narrativas inspiradas na cultura e na tradição oral dos povos indígenas da Amazônia, trazendo à tona mitos, lendas e ensinamentos ancestrais transmitidos de geração em geração. Cada narrativa (A história de Kãwéra, As makukáwas, História de Mapinguary, o pescador e a onça, O bicho e o casamento e Dois velhos surdos) envereda por elementos simbólicos que destacam a cosmovisão indígena, apresentando a conexão intrínseca entre os seres humanos, os espíritos da floresta e os elementos naturais, como rios, árvores e animais, conforme ilustra o poema *Mistério*:

Mistério que antecede os contos:
 Anhãga, aquela coisa que aparece
 Ali embaixo da grande çapopema
 Às vezes, ela é gente que faz prece
 E, noutras, é um fogo que não queima.
 Titãga, que não sei o que acontece.
 Se sei, eu finjo não valer a pena
 Em troca de um tesouro (Deus defenda!)
 Dar minha alma para aquela peste.
 Mas, se tiver coragem, esta é a hora
 Meia-noite! E sozinho! Quem iria?
 E se fosse, deixaria ali seu sangue?
 Pois é assim o trato - o acordo
 Que tem de haver - trocar a sua vida
 Para então desenterrar o tesouro (Yamã, 2012, s.p)

No poema *Mistério* é apresentado elementos recorrentes na literatura indígena, como o sagrado, o medo do desconhecido e a relação do homem com os espíritos da floresta. A presença de *Anhãga* (espírito errante) e *Titãga* remete às crenças dos povos originários sobre entidades sobrenaturais que protegem a floresta e guardam os segredos ancestrais. A narrativa poética sugere um dilema entre a cobiça e o respeito ao espiritual. A referência ao *tesouro* e ao *trato* simboliza um conflito entre os valores materiais e as tradições indígenas, que frequentemente alertam sobre os perigos da ambição desmedida. A menção à *grande çapopema* (árvore de raízes imponentes) reforça o vínculo com a natureza, ancestralidade e com os lugares de poder na cosmovisão indígena. Assim, o poema em *Contos da floresta* dialoga com a literatura indígena contemporânea ao resgatar essas narrativas ancestrais, adaptando-as à poesia escrita, sem perder a essência mística e simbólica da

tradição oral, assim como as lendas e mitos destacados por Yaguarê Yamã.

Nessa perspectiva, ao longo da obra, Yaguarê Yamã apresenta personagens míticos e seres encantados que ilustram valores fundamentais da cultura indígena, como o respeito ao meio ambiente, a harmonia com a natureza, a sabedoria dos anciãos e a importância das narrativas orais para a preservação da identidade dos povos originários. Além disso, os contos abordam temas como transformação, resistência cultural e os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas diante das mudanças impostas pela modernidade e pelo contato com a sociedade não indígena.

A linguagem acessível e poética do autor permite que leitores de diferentes idades adentrem no universo dos povos originários, ativando a reflexão em relação à riqueza cultural e aos conhecimentos tradicionais desses povos. A obra se destaca não apenas como uma obra literária, mas também como uma ferramenta educativa, incentivando o respeito à diversidade e o reconhecimento da pluralidade étnica do Brasil. Dessa forma, *Contos da Floresta* contribui significativamente para o debate sobre a valorização das culturas indígenas no contexto escolar e na sociedade como um todo, promovendo o diálogo intercultural e a preservação das memórias e saberes ancestrais.

Nesse raciocínio, é singular reforçar que a literatura desempenha um papel essencial na construção do conhecimento e na formação da identidade cultural. No Brasil, a valorização das narrativas indígenas tem aumentado, principalmente, no meio acadêmico e educacional. Essa ampliação de espaço para as vozes originárias representa um avanço significativo na promoção da diversidade e no reconhecimento da riqueza cultural dos povos indígenas. Entre os exemplos de literatura indígena contemporânea, destaca-se *Contos da Floresta*, de Yaguarê Yamã, uma obra, como já mencionado, que contribui para a valorização dessas culturas e pode ser inserida no ensino de minorias, especialmente na educação básica.

Nessa perspectiva, a educação básica é um ambiente crucial para o desenvolvimento de uma consciência crítica e inclusiva entre os alunos. A introdução de narrativas indígenas como as presentes em *Contos da Floresta* possibilita o contato dos estudantes com visões de mundo diversas, rompendo com a hegemonia das narrativas eurocêntricas. Além disso, a obra proporciona uma imersão nas tradições, mitos e valores dos povos originários, contribuindo para a construção de uma identidade nacional mais plural e representativa.

Ao incorporar esse estilo de literatura no ensino, os educadores podem explorar diferentes aspectos pedagógicos. Primeiramente, o estudo dos contos indígenas permite trabalhar a oralidade, já que muitas dessas histórias são transmitidas de geração em geração pela tradição oral. Esse elemento possibilita atividades interativas, como dramatizações e rodas de conversa, que estimulam o envolvimento dos alunos com o conteúdo. Além disso, os contos apresentam uma forte ligação com a natureza, promovendo uma reflexão sobre a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, tema essencial na atualidade.

Outro ponto relevante é a desconstrução de estereótipos sobre os povos indígenas. Durante muito tempo, a representação dessas culturas na literatura e no ensino esteve marcada por imagens

reducionistas e distantes da realidade contemporânea. Portanto, *Contos da Floresta* oferece uma visão autêntica e detalhada da cultura indígena e dos encantamentos, permitindo que os alunos compreendam a diversidade entre os diferentes povos e reconheçam sua importância histórica e social. Esse processo favorece a construção de uma educação mais inclusiva, respeitosa e livre de preconceitos.

Além dos benefícios culturais e pedagógicos, a utilização da obra de Yaguarê Yamã no ensino das minorias reforça a necessidade de políticas educacionais voltadas para a valorização da literatura indígena. A implementação de materiais didáticos que incluam essas narrativas contribui para a representatividade dos povos indígenas no espaço escolar e fortalece a identidade de alunos indígenas que, muitas vezes, não se veem refletidos nos conteúdos tradicionais.

Portanto, a inserção de *Contos da Floresta*, de Yaguarê Yamã na educação básica representa um passo importante na construção de um ensino mais inclusivo e diversificado. A valorização das narrativas indígenas enriquece o repertório cultural dos alunos, promove a empatia e amplia a compreensão sobre a complexidade e a riqueza das culturas originárias do Brasil. Dessa forma, a literatura indígena se torna um instrumento contributivo para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para atuar em uma sociedade plural.

1 A literatura indígena no contexto educacional

A literatura indígena tem conquistado um espaço cada vez maior nas escolas, especialmente após a promulgação da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena nos currículos escolares. Essa legislação representa um avanço significativo na valorização das narrativas e saberes dos povos originários, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de uma educação mais plural e inclusiva.

No entanto, apesar dos avanços, ainda há desafios que dificultam a efetiva implementação dessa proposta. Um dos principais obstáculos é a falta de formação específica dos docentes, que muitas vezes não possuem conhecimento aprofundado sobre a cultura indígena e enfrentam dificuldades para abordar a temática de maneira respeitosa e fiel à diversidade desses povos. Além disso, a escassez de materiais didáticos adequados também compromete a qualidade do ensino, pois muitos livros e recursos disponíveis ainda apresentam visões eurocêntricas ou reducionistas sobre os indígenas, reforçando estereótipos ultrapassados.

Nesse espaço de lutas e desafios, a obra *Contos da Floresta* oferece uma oportunidade para aproximar estudantes da realidade e dos valores das culturas indígenas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, reconhece a importância da valorização das culturas indígenas no ensino brasileiro e estabelece diretrizes para que a literatura indígena, incluindo a infantojuvenil, esteja presente nos currículos escolares.

No componente de Língua Portuguesa, a BNCC enfatiza a necessidade de explorar diferentes gêneros textuais, incluindo narrativas de tradição oral de povos indígenas, além de produções

literárias contemporâneas escritas por autores indígenas. Esse direcionamento reforça o compromisso com a diversidade cultural e histórica do Brasil, contribuindo para que os estudantes conheçam e respeitem diferentes perspectivas e formas de expressão.

No âmbito da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, e em consonância com os exemplos anteriormente apresentados, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomenda que os estudantes tenham contato com histórias, mitos e lendas indígenas desde os primeiros anos da vida escolar. Essa proposta não apenas promove o reconhecimento e a valorização das culturas originárias, como também enriquece o repertório literário das crianças e favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais, como a empatia e o respeito à diversidade. A literatura infantojuvenil indígena, ao apresentar personagens, ambientes e narrativas que refletem o modo de vida e a cosmovisão dos povos indígenas, torna-se um instrumento poderoso para a construção de uma educação antirracista e descolonizadora. Ao desafiar estereótipos e ampliar os horizontes de compreensão sobre a identidade nacional, essa literatura contribui para uma formação mais crítica e inclusiva. Nesse contexto, Laís Moreira e Cacio Ferreira afirmam, na obra *Literatura afro-brasileira na educação básica: proposta de atividades e reflexões em torno de juventudes e espaços urbanos na obra de Geovani Martins*, que “esses temas são importantes e valorizados pela BNCC. Segundo esse documento, o conceito de juventude é bastante amplo, por isso deve ser compreendido como algo dinâmico e diverso, não cabendo o uso do termo no singular e, sim, juventudes no plural” (Moreira; Ferreira, 2023, p. 196).

Além do ensino de Língua Portuguesa, a BNCC também prevê a abordagem das culturas indígenas em outras áreas do conhecimento, como História e Geografia. A literatura indígena infantojuvenil pode ser utilizada de forma interdisciplinar, estimulando discussões sobre a relação dos povos indígenas com a natureza, seus modos de organização social e suas formas de resistência ao longo do tempo. Dessa forma, a inclusão dessas narrativas no ambiente escolar não apenas cumpre uma exigência curricular, mas também fortalece o reconhecimento das contribuições indígenas para a sociedade brasileira, incentivando o diálogo intercultural e a valorização da memória coletiva.

No artigo publicado na Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI) e na Revista Nova Escola (2024), *Currículo escolar indígena: desafios e oportunidades*, de Carol Firmino, destaca que, de acordo com dados do Censo Escolar de 2022, das 178,3 mil escolas de ensino básico no Brasil, 3.541 (1,9%) estão localizadas em terras indígenas e ministram conteúdos específicos e diferenciados, conforme aspectos etnoculturais. Além disso, 3.597 (2%) instituições oferecem educação indígena por meio das redes de ensino. No entanto, esses números refletem principalmente escolas situadas em comunidades indígenas ou que atendem a populações indígenas, não necessariamente indicando a inclusão ampla da literatura indígena nos currículos de escolas não indígenas. Tal afirmação é um dado preocupante, pois o acesso e o contato com a literatura indígena ainda permanecem em espaços parcos. Nesse sentido, a narrativa de *Contos da Floresta* é uma publicação de importância singular para o alcance maior da produção literária dos povos originários. Ainda, para Sony Fersek, no

prefácio da obra *Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula*, destaca: “que esse Brasil passe a lembrar que toda a riqueza e multiplicidade que se possui em territórios pindorânicos foi também cultivada no seio da terra por mãos originárias, mãos que plantaram florestas, alimentos, medicinas e também arte” (Ferseck, 2023, prefácio).

Nesse caminho de debate, as pesquisadoras Ananda Castro e Elis Regina Fernandes Alves, no artigo *A literatura indígena na educação básica: reflexões e proposta didática*, apontam que a implementação da literatura indígena nas escolas enfrenta obstáculos significativos, como a persistência da literatura indianista em detrimento da literatura indígena autêntica nas salas de aula. Enquanto a literatura indígena apresenta as tradições, histórias e visões de mundo a partir da perspectiva dos povos originários, a literatura indianista, frequentemente, perpetua estereótipos e visões romantizadas, reforçando uma visão eurocêntrica e descontextualizada dessas culturas.

Além disso, a presença da literatura indígena nas escolas contribui para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes indígenas, ao mesmo tempo em que amplia a compreensão e o respeito dos alunos não indígenas em relação à diversidade étnica e cultural do país. No entanto, para que essa inclusão seja efetiva, é necessário um esforço conjunto entre educadores, instituições de ensino e políticas públicas que assegurem a formação adequada dos professores e o acesso a materiais de qualidade.

Assim, a promoção da literatura indígena nas escolas, como *Contos da floresta*, não se limita à inserção de obras no currículo, mas envolve um compromisso ético e pedagógico com a construção de um espaço educacional verdadeiramente inclusivo e plural, capaz de valorizar e respeitar a riqueza cultural e histórica dos povos indígenas do Brasil.

2 A importância da representatividade na literatura

Dito de outro modo, a presença de autores indígenas na literatura infantojuvenil permite que crianças e jovens indígenas se reconheçam nas histórias, fortalecendo sua identidade cultural. Ao mesmo tempo, possibilita que estudantes não indígenas compreendam melhor a diversidade étnica do país. Yaguarê Yamã, enquanto escritor indígena, traz uma visão autêntica e crítica da realidade dos povos originários, diferindo das representações, muitas vezes, romantizadas ou deturpadas feitas por autores não indígenas.

A literatura infantojuvenil possui um papel fundamental na formação da visão de mundo das novas gerações. Nesse contexto, a inclusão de vozes indígenas e o debate delas contribui para a valorização da diversidade cultural e para o combate ao entendimento de uma história contada às avessas. Quando crianças indígenas encontram em livros personagens que compartilham aspectos de sua cultura, tradições e formas de ver o mundo, elas se sentem representadas, fortalecendo seu senso de pertencimento e autoestima.

Por outro lado, estudantes não indígenas têm a oportunidade de conhecer realidades distintas das suas, desconstruindo preconceitos e ampliando sua compreensão sobre a riqueza e

complexidade das culturas indígenas. A literatura se torna, assim, uma ponte para o diálogo intercultural, favorecendo o respeito e a empatia.

Nesse diálogo, a obra de Yaguarê Yamã, portanto, é um exemplo expressivo desse movimento. Suas narrativas não apenas retratam aspectos da cultura de seu povo, mas também abordam questões sociais relevantes, como a luta por direitos, a preservação ambiental e os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas diante do avanço das fronteiras econômicas. Sua perspectiva crítica desmistifica a visão folclórica e idealizada dos indígenas, mostrando-os como protagonistas de sua própria história.

Além disso, a presença de autores indígenas na literatura infantojuvenil abre espaço para a valorização das línguas indígenas, muitas vezes, ameaçadas de extinção. Ao inserir expressões e termos próprios de seu idioma, esses autores preservam e compartilham um patrimônio linguístico que é parte essencial da identidade de seus povos. A literatura indígena na literatura infantojuvenil é um fenômeno de suma importância, que não apenas enriquece o repertório literário disponível para crianças e jovens, mas também desempenha um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural desses jovens leitores. A literatura infantojuvenil deve ser um espaço onde as experiências e as culturas dos leitores são refletidas e valorizadas. Quando crianças e jovens indígenas têm acesso a histórias que falam diretamente sobre suas realidades, tradições e valores, elas encontram um meio poderoso de reconhecimento e afirmação de sua identidade.

Nesse contexto, as narrativas indígenas permitem que os jovens se reconheçam em personagens e situações que representam suas vivências. Ao ver suas culturas e histórias retratadas de forma autêntica, as crianças indígenas não apenas se sentem vistas, mas também valorizadas, o que é crucial para o fortalecimento de sua autoestima e identidade.

Nesse sentido, a crítica literária contemporânea, como a proposta por Mikhail Bakhtin (1984, p. 84), enfatiza a importância da polifonia nas narrativas. A inclusão de vozes indígenas na literatura infantojuvenil não só diversifica as histórias disponíveis, mas também introduz múltiplas perspectivas que desafiam as narrativas eurocêtricas tradicionalmente dominantes. Essa multiplicidade de vozes enriquece o universo literário, promovendo um diálogo intercultural que é vital para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes.

Outro ponto a ser considerado é a função da literatura como ferramenta de resistência cultural. Neste sentido, a literatura infantojuvenil escrita por autores indígenas não apenas serve para entreter, mas também para educar e conscientizar tanto os jovens indígenas quanto os não indígenas sobre a riqueza e a diversidade das culturas indígenas. Isso é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Trata-se, desse modo, de uma mudança significativa no panorama literário, permitindo que as novas gerações se apropriem de suas histórias e tradições. A literatura, neste caso, torna-se uma ponte entre o passado e o futuro, onde as crianças e jovens podem não apenas se reconhecer, mas também se empoderar em sua identidade cultural, contribuindo para uma maior valorização da diversidade no contexto educacional e social. Assim, a literatura infantojuvenil escrita por autores

indígenas é uma ferramenta poderosa para a afirmação de identidades e para a promoção do respeito e da valorização das culturas indígenas.

Portanto, incentivar a leitura de obras escritas por autores indígenas é um passo importante para promover uma educação mais inclusiva e representativa. É necessário ampliar o acesso a esses materiais nas escolas e nas bibliotecas, garantindo que todos os estudantes possam conhecer e respeitar a pluralidade cultural existente no Brasil. Dessa forma, a literatura infantojuvenil se torna um instrumento potente para construir uma sociedade mais justa e consciente da importância da diversidade.

3 Aplicações pedagógicas de Contos da Floresta

A obra *Contos da Floresta* apresenta um acervo encantado de narrativas indígenas que ajudam a compreender a realidade dos povos originários, trazendo à tona valores culturais, tradições e ensinamentos. Sua abordagem sensível e envolvente faz dela um recurso valioso para o contexto educacional, proporcionando um olhar respeitoso e significativo sobre as culturas indígenas.

Em sala de aula, os contos, definidos como mitos e lendas, podem ser explorados de diversas maneiras, favorecendo tanto o desenvolvimento crítico dos estudantes quanto a valorização da diversidade cultural.

Nesse viés, a leitura compartilhada dos contos pode ser o primeiro passo para estimular debates verticalizados sobre os valores e ensinamentos presentes nas narrativas. Professores podem conduzir discussões sobre a importância da natureza, a relação de respeito com os animais e a sabedoria ancestral transmitida nas histórias. Essa prática contribui para a formação de uma consciência crítica e sensível dos estudantes.

Aproveitando o entusiasmo, após a leitura, os alunos devem ser incentivados a criar suas próprias narrativas inspiradas nos contos indígenas. Essa atividade estimula a criatividade, além de promover o exercício da escrita e da expressão pessoal. Pode-se, inclusive, propor a criação de novas versões dos contos, adaptadas ao contexto atual, permitindo uma reflexão sobre a atualidade dos temas abordados.

No momento seguinte, *Contos da Floresta* pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, dialogando com disciplinas como História, Geografia e Língua Portuguesa. Na História, é possível abordar os contextos históricos e sociais dos povos indígenas; na Geografia, explorar a relação dessas culturas com o território; e na Língua Portuguesa, realizar análise textual e estudos sobre os recursos narrativos. No entanto, deve-se trabalhar o texto de forma divertida, sem fixar apenas em análises.

Um ponto divertido que pode ser entrelaçado às análises, são as atividades artísticas, como ilustrações dos personagens e cenários descritos, dramatizações das histórias ou a confecção de máscaras e adereços inspirados nas culturas indígenas. Essas práticas tornam a experiência de leitura mais dinâmica e envolvente, promovendo maior interação e aprofundamento no tema.

Em síntese, *Contos da Floresta* oferece múltiplas possibilidades pedagógicas para se explorar a

riqueza das culturas indígenas no ambiente escolar. O contato com essas histórias amplia a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural brasileira, promovendo o respeito e a valorização das tradições dos povos originários.

4 A história de Kāwéra, um exemplo

A história de Kāwéra (Yamã, 2012, p. 11), escrita por Yaguarê Yamã, é um conto repleto de simbolismos e elementos culturais que representam a riqueza das tradições do povo Maraguá. Narrada de forma a mesclar o real e o mítico, a história aborda temas centrais como o respeito à natureza, a preservação de espaços sagrados e as consequências da transgressão aos limites impostos pelas entidades espirituais da floresta amazônica.

A narrativa se passa na região amazônica, especificamente no lago Kayawé, próximo ao rio Madeira, no Amazonas. A presença do mutá, do remo, da poronga e do uso de armas tradicionais evidencia a vida cotidiana dos indígenas caçadores da região. Esse cenário fortalece a ambientação cultural e a ligação com a natureza e os mitos locais.

Nesse limiar, Yaguajê é um caçador habilidoso, conhecido entre os Maraguá. Sua coragem e habilidade são destacadas, mas sua busca incessante pela caça o coloca em um ambiente perigoso e sagrado. O comportamento de Yaguajê é determinado pela lógica da sobrevivência, mas ele ignora os avisos e os riscos associados à lenda do Kāwéra.

O Kāwéra é um espírito guardião do lugar sagrado, descrito com traços monstruosos - asas de morcego, garras afiadas, dentes grandes, características associadas ao medo e à transgressão. Ele representa a força da natureza e dos ancestrais, zelando pelas riquezas do lago. O encontro de Yaguajê com o Kāwéra é um confronto entre o humano e o sobrenatural.

A insistência de Dizoáp em desafiar o Kāwéra é um reflexo da arrogância humana diante dos limites impostos pela tradição. A punição de Dizoáp, transformado em uma criatura semelhante ao próprio Kāwéra, é uma representação do poder implacável das entidades protetoras. O castigo também simboliza a necessidade de respeito aos espaços sagrados e às forças espirituais da natureza.

A figura do Kāwéra, um monstro alado com características animais, simboliza a força protetora da natureza e a defesa dos espaços sagrados contra a exploração desmedida. A transformação do caçador Dizoáp em uma criatura semelhante ao próprio Kāwéra é uma punição que reforça a necessidade de respeito aos espaços protegidos pela espiritualidade ancestral.

A história de Kāwéra descortina a complexidade da literatura indígena contemporânea, destacando a importância das narrativas como forma de resistência cultural e expressão identitária. A obra, que se insere no contexto da literatura indígena brasileira, apresenta uma série de elementos que podem ser explorados à luz dos estudos críticos literários. Um dos aspectos mais significativos da obra é a forma como Yaguarê Yamã utiliza a narrativa para recontar e reinterpretar mitos e tradições da cultura indígena, trazendo à tona a oralidade como um elemento central.

A crítica literária, ao abordar a oralidade, frequentemente discute suas implicações na

construção da identidade e na preservação da memória cultural. Segundo o estudioso Walter Benjamin (1994, p. 142), a tradição oral permite que as histórias sejam vividas e recontadas em um contexto sempre mutável, refletindo as experiências de quem as narra e de quem as ouve. Neste sentido, *A história de Kãwéra* não é apenas uma narrativa literária; é uma prática de resistência que busca resgatar e valorizar saberes ancestrais.

Outro ponto relevante na análise da obra é a construção dos personagens e suas relações com o ambiente. Kãwéra, como protagonista, representa uma conexão profunda com a natureza e com os elementos espirituais que permeiam a vida indígena. A crítica pós-colonial, como discutido por Homi Bhabha (1994, p.76), permite uma leitura que observa a ambiguidade e a hibridização das identidades, reconhecendo que o indígena não é apenas um objeto de estudo, mas um agente ativo na construção de sua própria narrativa. Assim, Kãwéra emerge como um símbolo da luta pela afirmação de uma identidade que não se limita aos estereótipos impostos por uma visão colonial. Além disso, a linguagem utilizada por Yaguarê Yamã é fundamental para a compreensão da obra. A escolha de um estilo que mescla elementos da lírica indígena com a prosa contemporânea cria um ritmo que reflete a cadência da oralidade. A crítica formal, conforme os estudos de Mikhail Bakhtin (1984, p. 59), pode ser aplicada aqui para analisar como a polifonia presente na obra contribui para a construção de um diálogo entre diferentes vozes e perspectivas, enriquecendo a experiência do leitor.

A obra de Yaguarê Yamã deve ser vista dentro do contexto mais amplo da luta por visibilidade e reconhecimento das culturas indígenas no Brasil. A literatura, neste contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para a afirmação da identidade e para a promoção de um diálogo intercultural. A crítica literária, ao abordar *A história de Kãwéra*, deve considerar não apenas os aspectos estéticos da obra, mas também seu papel social e político, reconhecendo a literatura indígena como uma forma de resistência e um espaço de afirmação cultural. Em suma, *A história de Kãwéra* é um conto verticalizado em significados e possibilidades interpretativas, que desafia os leitores a reconsiderar suas percepções sobre a literatura indígena e a importância de suas narrativas na construção de um futuro mais inclusivo e plural.

No contexto educacional, essa narrativa se torna uma poderosa ferramenta para discutir a inclusão e o ensino das culturas de minorias, especialmente, dos povos indígenas brasileiros. Tradicionalmente, o ensino formal no Brasil tem priorizado a visão eurocêntrica da história e da cultura, deixando de lado a riqueza e a diversidade dos conhecimentos ancestrais indígenas.

Trazer histórias como a de Kãwéra para o ambiente escolar é promover a valorização das identidades indígenas, permitindo que estudantes indígenas vejam sua cultura respeitada e valorizada. Além disso, é uma oportunidade para estudantes não indígenas entenderem a profundidade das cosmologias indígenas, desmistificando preconceitos e promovendo o respeito à diversidade.

O ensino de minorias, quando aliado à literatura e às narrativas orais, torna-se um caminho significativo para combater a invisibilidade histórica dos povos indígenas. A inserção de contos

como o de Yaguarê Yamã nas disciplinas escolares ajuda a contextualizar as experiências dos povos originários, apresentando sua visão de mundo e seu modo de lidar com questões como a espiritualidade, a natureza e o pertencimento.

Para além do conteúdo pedagógico, a inclusão dessas narrativas no currículo escolar favorece a construção de um olhar crítico e empático sobre a realidade dos povos indígenas no Brasil contemporâneo. A valorização do conhecimento tradicional fortalece o sentimento de pertencimento das comunidades indígenas e permite a construção de um diálogo intercultural mais justo e respeitoso.

Outra narrativa destacada como mito na escritura de Yaguarê Yamã é *História de Mapinguary*. Nela, insere-se no contexto da literatura indígena, uma expressão que vai além do registro oral e que também visa preservar, valorizar e transmitir os conhecimentos e cosmovisões dos povos originários. O Mapinguary é criatura mítica do imaginário amazônico e carrega elementos fundamentais da cultura e da pedagogia indígena, funcionando como um instrumento de ensino moral e de respeito às tradições e à natureza.

Nessa perspectiva, a história de Yaguarê Yamã invoca a oralidade como elemento essencial para a perpetuação de valores e saberes ancestrais. A prática acontece por meio do formato de conto tradicional, repleto de repetições, ensinamentos e consequências morais.

O Mapinguary, um ser monstruoso que transforma humanos em criaturas semelhantes a ele, representa o perigo da desobediência e da ganância. Os caçadores e aldeões que ignoram os avisos sofrem punições irreversíveis, um recurso narrativo que remete às fábulas e mitos universais. O discurso dos mais velhos, que alertam sobre os riscos, é um reflexo do papel dos anciãos nas comunidades indígenas como guardiões do conhecimento. Para Mircea Eliade, essa estratégia é

a forma mais geral e eficaz de perpetuar a consciência de um outro mundo, de um além, seja ele o mundo divino ou o mundo dos Antepassados. Este “outro mundo” representa um plano sobre-humano, “transcendente”, o mundo das realidades absolutas. É da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade trans-humana, que nasce a ideia de que qualquer coisa existe realmente, que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de dar um significado à existência humana. É, pois, através da experiência do sagrado que surgem as ideias de realidade, de verdade, de significação, que, mais tarde, serão elaboradas e sistematizadas pelas especulações metafísicas. (Eliade, 1989, p. 119.)

Nesse sentido, a literatura indígena tem papel pedagógico fundamental, pois reelabora, ao contar, princípios da natureza e fortalece os valores comunitários. No conto de Yamã, a floresta é um espaço sagrado que exige respeito e cautela. A transgressão dessa relação harmoniosa pode ter consequências desastrosas, como a transformação em Mapinguary. Esse ensinamento está diretamente relacionado à concepção indígena de mundo, que não separa a natureza da existência humana, mas a integra como parte essencial da vida.

A narrativa também evidencia como o ensino indígena ocorre de forma vivencial e não apenas por meio de normas e regras abstratas. O erro dos personagens incrédulos serve como exemplo para a coletividade, reforçando a importância da escuta e do aprendizado com os mais velhos. Assim, a história ensina a prudência e o valor da experiência acumulada ao longo das gerações.

Outro ponto a ser destacado na figura do Mapinguary é o uso da metáfora do castigo para aqueles que desrespeitam as leis da floresta. Seu corpo peludo e sua boca no estômago representam a animalização e a degradação humana ao se afastar dos ensinamentos da comunidade. O medo da transformação também simboliza a perda da identidade e da conexão com os ancestrais.

A presença de um personagem teimoso e descrente é um recurso comum em narrativas pedagógicas, servindo para ilustrar as consequências de atitudes irresponsáveis. Além disso, a tentativa de alguns filhos de resgatar os pais transformados em Mapinguary sugere a esperança e a luta contra a fatalidade, refletindo a importância do vínculo familiar e da persistência diante da devastação contemporânea.

Portanto, a narrativa de Yaguarê Yamã apresentada não é apenas um registro cultural, mas uma ferramenta de resistência e valorização das minorias. Incorporar a história de Kãwéra no ensino é um passo importante para promover o reconhecimento da diversidade cultural brasileira, respeitando e celebrando as diferentes formas de ver, sentir e interpretar o mundo. Já a *História de Mapinguary* é outro exemplo potente da literatura indígena como ferramenta de ensino, além de ser um testemunho da riqueza cultural dos povos originários. A narrativa alerta sobre a necessidade de respeito às tradições e à natureza, ensinando princípios que vão além do contexto indígena e se aplicam à educação de forma geral. Assim, essa história não apenas perpetua um mito ancestral, mas também proporciona reflexões valiosas sobre responsabilidade, coletividade e a relação entre humanos e meio ambiente.

5 Desafios e possibilidades para o ensino de minorias

O ensino voltado para minorias, incluindo a literatura indígena, enfrenta desafios complexos, mas também representa uma oportunidade de transformação significativa na educação. A inclusão dessas perspectivas é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais plural, justa e consciente da diversidade cultural. Incorporar a literatura indígena ao ambiente escolar não é apenas um esforço de representatividade, mas também um movimento de valorização e reconhecimento dos saberes ancestrais, muitas vezes silenciados pela narrativa dominante.

A integração da literatura indígena ao currículo escolar é uma prática que, apesar das dificuldades enfrentadas, apresenta um imenso potencial para ampliar os horizontes culturais dos estudantes, enriquecendo seu repertório literário e promovendo o respeito à diversidade. Como afirma o educador brasileiro Paulo Freire, “a educação deve ser um ato de amor, de coragem e de liberdade” (Freire, 1996, p. 30), e isso inclui a valorização das vozes e das culturas que tradicionalmente foram marginalizadas. Ao introduzir as narrativas indígenas nas salas de aula, os

educadores proporcionam um espaço para que os alunos não apenas conheçam, mas também valorizem as diferentes perspectivas culturais que compõem o Brasil. Ainda reforçando o debate, Graça Graúna enfatiza em relação à literatura indígena:

[...] uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (Graúna, 2013, p.15)

Nesse sentido, a citação de Graça Graúna aponta a literatura indígena contemporânea como um espaço de resistência e preservação cultural, contrapondo-se à história colonial que silenciou muitas vozes indígenas ao longo de mais de 500 anos. Sugere que essa produção literária reúne histórias e experiências que foram marginalizadas pelo discurso oficial da colonização. Essas vozes, antes apagadas, encontram um espaço de expressão e reconhecimento dentro da literatura. Outro ponto importante é a ideia de que a literatura indígena “vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras”, indicando que os escritores indígenas contemporâneos não apenas registram suas vivências individuais, mas também reafirmam suas identidades culturais e coletivas. Assim, a literatura torna-se um instrumento de resistência e memória, ajudando a manter viva a herança dos povos originários. Assim, enfatiza a importância da literatura indígena como um ato de resistência, memória e identidade, resgatando vozes apagadas pela colonização e criando um novo espaço de leitura e interpretação dentro da literatura brasileira.

O contato com essas narrativas oferece novas formas de compreensão do mundo, permitindo que os estudantes questionem criticamente os paradigmas estabelecidos. Segundo a antropóloga e educadora Manuela Carneiro da Cunha, “a literatura indígena é uma forma de resistência e de afirmação identitária” (Cunha, 2009, p. 79), o que implica que, ao acessar essas obras, os alunos são convidados a refletir sobre as questões sociais e históricas que cercam as populações indígenas. Essa reflexão é essencial para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, contribuindo para a descolonização do conhecimento.

Além disso, a inclusão da literatura indígena no ensino formal pode ser vista como um passo importante na promoção da equidade educacional. Ao abordar a literatura indígena, as escolas não apenas enriquecem o currículo, mas também promovem um ambiente de respeito e valorização das diferenças.

Nesse caminho, a integração da literatura indígena ao currículo escolar não deve ser vista apenas como um desafio, mas sim como uma oportunidade de transformação educacional. Ao permitir que os estudantes se conectem com essas narrativas, as instituições de ensino contribuem para a formação de cidadãos críticos, empáticos e conscientes de sua própria cultura e das culturas alheias. É, assim, um caminho promissor para a construção de um futuro mais inclusivo e plural.

Os desafios para a inserção da literatura indígena são variados e abrangem desde o preconceito enraizado contra culturas indígenas até a predominância de uma visão eurocêntrica nas escolas. Esse cenário perpetua a marginalização das narrativas indígenas, tratando-as frequentemente como curiosidades folclóricas e não como produções culturais legítimas e complexas. Além disso, a falta de formação adequada de muitos educadores para trabalhar com a literatura indígena pode resultar em abordagens superficiais ou estereotipadas, reforçando estigmas em vez de promover a compreensão.

Outro obstáculo significativo é a carência de recursos didáticos apropriados e de traduções de obras indígenas para a língua portuguesa, o que dificulta a acessibilidade e a disseminação dessas produções. Muitas escolas, ainda presas a currículos rígidos e desatualizados, resistem à inclusão de temas indígenas, alegando que não são pertinentes ou não se alinham às diretrizes oficiais. No entanto, essa exclusão perpetua a invisibilidade histórica e a negação da diversidade cultural do Brasil.

Apesar das dificuldades, a integração da literatura indígena ao currículo escolar apresenta um imenso potencial para ampliar os horizontes culturais dos estudantes, enriquecendo seu repertório literário e promovendo o respeito à diversidade. O contato com narrativas indígenas oferece novas formas de compreensão do mundo, possibilitando o questionamento crítico de paradigmas estabelecidos e contribuindo para a descolonização do conhecimento. A valorização dessas vozes é uma maneira de confrontar a perspectiva histórica dominante, criando espaço para narrativas silenciadas e promovendo a construção de identidades mais conscientes e inclusivas.

Para que essa integração seja efetiva, é necessário investir em cursos de capacitação contínua para educadores, preparando-os para lidar de maneira sensível e informada com a literatura indígena. Oficinas pedagógicas, palestras com autores indígenas e colaborações com comunidades locais podem enriquecer a prática educativa e promover um ensino respeitoso e autêntico, evitando apropriações culturais indevidas. Além disso, a produção de materiais didáticos adaptados às realidades locais, que dialoguem com a cultura indígena de maneira contextualizada e respeitosa, é fundamental para valorizar essas literaturas.

Superar esses desafios demanda um esforço conjunto entre escolas, universidades, comunidades indígenas, organizações não governamentais e órgãos governamentais. A literatura indígena possui um poder transformador, capaz de fomentar a empatia, fortalecer a compreensão intercultural e contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa. Ao valorizar as narrativas indígenas, a educação se torna mais inclusiva e alinhada à pluralidade de vozes que compõem o país, promovendo um futuro mais justo e consciente para todos.

Possíveis considerações finais

A literatura indígena, exemplificada pela obra *Contos da Floresta*, de Yaguarê Yamã, desempenha um papel essencial na promoção da diversidade cultural e no ensino de minorias. Sua

inclusão nos currículos escolares não apenas amplia o repertório literário dos estudantes, mas também possibilita o reconhecimento e a valorização das múltiplas vozes que compõem a identidade brasileira. Ao dar espaço para essas narrativas, promovemos a desconstrução de estereótipos, desafiamos visões simplistas e criamos oportunidades para o diálogo intercultural.

Além disso, a valorização da literatura indígena contribui para a resistência cultural e a preservação de saberes ancestrais, muitas vezes, ameaçados pelo avanço da modernidade e pela marginalização histórica dessas populações. Inserir essas obras no ambiente escolar permite que os alunos compreendam a importância da pluralidade cultural do Brasil, desenvolvam empatia e aprendam a respeitar diferentes formas de conhecimento. Esse processo educativo não se restringe apenas ao aprendizado acadêmico, mas também à formação ética e cidadã, estimulando o respeito mútuo e a aceitação das diferenças.

A obra *Contos da Floresta*, por exemplo, oferece uma visão rica e autêntica da cosmologia e dos valores indígenas, proporcionando uma oportunidade única de entender a relação dessas comunidades com a natureza e seu profundo respeito pelos ciclos naturais. Através dessas narrativas, os estudantes têm a chance de acessar saberes transmitidos oralmente ao longo de gerações, compreendendo a importância da oralidade como forma de preservar a memória coletiva.

Nesse cenário, a literatura indígena também possui um potencial crítico ao desafiar a narrativa hegemônica da história brasileira, que, frequentemente, inviabiliza ou romantiza os povos originários. Ao conhecer as perspectivas indígenas, os alunos são convidados a refletir sobre questões como a colonização, a resistência e a luta pelos direitos territoriais. Esse contato crítico pode incentivar debates relevantes sobre justiça social, sustentabilidade e preservação ambiental.

Portanto, reconhecer e valorizar as narrativas indígenas não é apenas uma questão de representatividade, mas também um ato de justiça histórica e um caminho para a construção de uma sociedade mais inclusiva, diversa e consciente de suas raízes. A literatura indígena, ao ocupar seu espaço legítimo na educação, torna-se uma ferramenta poderosa de transformação social, promovendo o respeito às diferenças e fortalecendo o vínculo com a rica herança cultural do país. Nesse sentido, iniciativas de formação continuada para professores, projetos de leitura mediada e parcerias com autores indígenas podem potencializar a presença dessas obras no ambiente escolar, tornando o ensino mais significativo e humanizador.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

CASTRO, Ananda; ALVES, Elis Regina Fernandes. **A literatura indígena na educação básica: reflexões e proposta didática.** Revista Contexto (ISSN 2358-9566) Vitória, v.1, n.45, 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas.** São Paulo: Cosacnaify, 2009.

DANTAS, Priscila Vasques Castro. Catar piolhos, contar histórias, ensinar literatura: um diálogo possível - e necessário - com a literatura indígena nas aulas da educação básica. In. RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar et. al. **Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula.** Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito.** Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

FIRMINO, Carol. **Currículo escolar indígena: desafios e oportunidades.** Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/21862/curriculo-escolarindigena-desafios-e-oportunidades>> Publicado em Nova Escola 30 de Abril 2024. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MOREIRA, Laís de Oliveira; FERREIRA, Cacio José. Literatura afro-brasileira na educação básica: proposta de atividades e reflexões em torno de juventudes e espaços urbanos na obra de Geovani Martins. In. RODRIGUES, Cristina Aguiar [et. al.]. **Literaturas africanas e literatura afro-brasileira: práticas leitoras para a sala de aula.** Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** Rio de Janeiro: Grumin, 2018.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar et. al. **Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula.** Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da Floresta.** São Paulo: Editora Peirópolis, 2012.